

## O Tupperware/ The Tupperware

*Francisco Leandro Assis\**  
*Gracielle Malheiro Santos\*\**

Ele voltava para casa no interior da Paraíba, esperava o ônibus na rodoviária de Campina Grande, viajaria para Cajazeiras. Término de período, aquele estudante de engenharia elétrica já se considerava alforriado das obrigações acadêmicas. A rodoviária, naquele momento, seria seu primeiro “campo” de aventuras, já que para um rapaz solteiro de sua idade, toda oportunidade de conquista que tivesse seria aproveitada. Com os fones nos ouvidos, sondava o ambiente reconhecendo aquelas meninas que, assim como ele, também pudessem estar voltando para casa e, talvez, com o mesmo espírito de aventura descompromissada que ele.

Uma moça chamou sua atenção. Na verdade, seu vestido chamou sua atenção, pois ele era de malha azul, e o caimento em seu corpo deixava evidente o quadril arredondado, o comprimento deixava à mostra suas pernas alvas de coxas torneadas, seu decote insinuava seios rijos de tamanho médio. O vestido era de alcinha. Ficou ali sentado no setor de embarque com os fones, que neste momento já não emitia som algum, e olhar discreto na moça. Mesmo tendo sentindo-se atraído, não tomou qualquer atitude. Julgava que desperdiçar “papo” naquela altura era perda de tempo, uma conversa curta com uma estranha de “não sei lá de onde” só resultaria em um número de telefone e, com muita sorte o *Whatsapp*.

Contudo, quando o sistema de som anunciou o embarque de seu ônibus, notou que a moça também começou a se movimentar pegando sua pouca bagagem. Viu também que se ajeitava desajeitadamente, com uma das mãos puxava a mala de rodinhas e com a outra segurava a ponta do vestido para que o vento não revelasse mais do que devia. Então ele decidiu oferecer ajuda. Uma gentileza certa vez, rendeu-lhe uma boa punheta em umas das cadeiras finais do transporte.

---

\*Secretaria Municipal de educação de João Pessoa. Endereço eletrônico: [leandroassis.uepb@gmail.com](mailto:leandroassis.uepb@gmail.com)

\*\* Endereço eletrônico: [granut@gmail.com](mailto:granut@gmail.com)

- Olá moça, posso ajuda-la?

Aquele foi o primeiro momento em que realmente fitou-a nos olhos, notou que tinha olhos cor de mel e cabelos realmente pretos, talvez tingidos. Com um sorriso tímido, respondeu que sim. Quando tomou para si a bagagem, notou que a moça mancava, e que não cedeu um pequeno depósito do tipo *tupperware* que levava consigo e lhe tinha passado despercebido. Dirigiram-se ao ônibus. Na entrada, quando o agente de passagens conferiu a passagem da moça, ele notou que sentaria distante dela. Deixando-a entrar, perguntou ao funcionário se o ônibus estava lotado. Ele respondeu que não, dando um sorriso disse que se quisesse poderia acompanhar a moça, seria difícil alguém querer sentar no fundo do ônibus em uma viagem longa como aquela.

Entrou, colocou a mala da moça no bagageiro e cinicamente disse que sua cadeira era ao seu lado. Sentaram os dois, a viagem começa. Ele pergunta seu nome. Ela responde que é Sofia. Bonito nome diz. Ela retribui a pergunta. Ele responde que é Luís Carlos.

- Bonito nome, de dois imperadores juntos, seus país devem gostar de história!

- Ele responde:

- É... minha mãe é louca pelos clássicos.

Pensou: “Coitada, não sabe que minha mãe é fã mesmo do Raça Negra...”

Depois de algum tempo em silêncio, ele tenta puxar conversa, criar algum mote para perceber se a garota estava a fim de conversar, ou somente dormir. Mas para sua surpresa ela puxa conversa:

- De onde você é?

- De cajazeiras, meus pais têm uma fazenda há alguns quilômetros da cidade, estudo engenharia aqui em Campina. Respondeu o rapaz. E você?

- Venho de viagem mesmo, cheguei do Paraguai ontem, estou voltando para Souza, meu pai é comerciante lá.

- Legal moramos próximos, mas não vou muito à Souza, sempre íamos mais ao Ceará, a família da minha mãe é de lá.

- Legal. A moça sorri tímida.

Luiz Carlos não parava de olhar as pernas de Sofia, contudo aquele maldito *tupperware* atrapalhava a visão. Depois de mais um momento de silêncio ele pergunta se ela havia ido fazer compras no Paraguai.

- Não, não, fui resolver umas coisas.

Como ela não deu detalhes, ele também deixou o assunto de lado. Seu esforço de concentração era de como abordar um papo mais íntimo, fazer com que ela se soltasse. Ele sentia-se mais confortável, pois estava no corredor e ela na janela, de modo que, a cada curva do ônibus ela decaía um pouco sobre ele e suas pernas roçavam. Também o jogo do apoio de braço, que, vez por outra, fazia com que seus cotovelos se encontrassem. Tentava inspiração olhando as pernas da moça. Mas o *tupperware* lá... dificultando a visão. Tanto atrapalhava que ele começou a concentrar-se mais no potinho bege-fosco de tampa rosa, do que nas pernas dela.

Começou a imaginar o que ela levava ali com tanto cuidado, pois segurava aquilo com uma firmeza delicada. Imaginou que seria seu lanche.

A viagem se deu à noite, uma vez que é mais sensato – pelo menos para as empresas de ônibus – que viagens para o sertão sejam feitas nesse horário. O ônibus faz sua primeira parada em um posto-de-apoio, lugar no qual os viajantes podem tomar banho e fazer uma refeição decente, jantar ou almoço. Desceram os dois.

No restaurante, Sofia pergunta se Luís gostaria de jantar consigo, ele aceita. Nota que isso, sim, é um avanço. Depois de se servirem sentam à mesa. Mas, ali perto do seu prato, estava o *tupperware*. Ele já começara a nutrir certo ódio pelo “potinho descarado”, que em todo lugar se metia. Todavia, imaginou que se contivesse algum doce nele, seria a sobremesa dos dois. Logo, sua intromissão estava com os minutos contados. Durante o jantar conversaram trivialidades: como o mundo estava doido, como os golpistas estavam tomando conta do país... coisas da pauta do *Facebook*. Ele esperou ela abrir e oferecer-lhe algo que estive no potinho, mas nada disso aconteceu. Voltaram para o ônibus.

Voltou pensando que ela poderia guardar o que levava para o lanche mais tarde, ou que fosse “tarada” por doces e não quisesse dividir o que havia lá. Quando retornaram, ela perdeu-se em um olhar distante na janela. Ele não, a curiosidade o remoía por dentro. Algum tempo depois, ela pergunta se o banheiro do ônibus estava funcionando. Ele responde que sim. Neste momento pensou:

- É agora! Quando ela for ao banheiro dou uma espiada no que tem dentro desse troço!

Ela levantou, mas segurando seu *tupperware*. Passou por ele e dirigiu-se ao banheiro.

- Puta merda! Que é isso! Ela vai comer no banheiro, que nojeira!

Começou a pensar que a menina talvez não levasse comida naquele pote. Mas o que seria aquilo lá? Despreendeu-se da ideia de ter algum tipo de prazer com a moça. Apenas a observava e imaginava qual relação ela poderia ter com aquele invólucro, ou melhor, com seu conteúdo.

Quando ouviu a porta do banheiro abrir, olhou para trás. Sofia voltava meio sem jeito, mancando mais acentuadamente. Sentou no seu lugar e não disse uma palavra. À medida que o tempo passava, ele notava que ela se angustiava, aperta contra seu ventre aquele *tupperware*. Ele, desejando poderes de Super-Homem, tentava decifrar o que havia ali.

Pouco antes de chegarem à Souza, ele faz a última tentativa. Puxa novamente conversa. Quem sabe perguntando de sua viagem ela pudesse revelar o mistério do *tupperware* dizer que era uma lembrança delicada para a mãe ou sei lá o que.

- Você não disse exatamente o que havia ido fazer no Paraguai...

- É complicado...

Deu-se uma pausa, a moça começou a respirar mais profundamente, como se estivesse contendo alguma emoção, mas não chorou. Luís, percebendo que tocara em um assunto melindroso, pensou:

- Caguei tudo, ela vai começar a debulhar um rosário de lamentações e eu vou ser o terapeuta mais sem-futuro mundo!

Ela virou-se para Luís, começou sem olhar em seus olhos:

- Olha Luís, talvez não devesse ter essa conversa contigo, já que é um estranho quase completo, entretanto, talvez devesse justamente por isso. Já que você é um estranho, seu julgamento não vai fazer nenhuma diferença para mim. Você quer saber mesmo o que fui fazer no Paraguai? Talvez queira saber mais ainda o que eu trago aqui, já que não parou de olhar para esse *tupperware*. a viagem toda.

- Não Sofia, o que isso, só quero saber mais de você, só isso.

- Certo, se quer saber mais de mim digo. Meu pai é um comerciante da feira de Souza. Não somos pobres, ele lida com estiva, abastece as pequenas mercearias da região. Seu grande problema é ser intransigente e ignorante. Sempre tratou a mim e

minha mãe como coisas, suas propriedades, tais quais os sacos de farinha, milho, feijão, ou as latas de conserva que vendia. Já havia traçado todo o *script* para mim: estudaria direito e abriria um escritório na cidade; clientela feita, a princípio, de todos os seus amigos.

- Todos os pais têm um pouco disso. Respondeu o rapaz.

- Você perguntou, então não me interrompa! Não quis nada daquilo que planejava. Sempre gostei bastante de ler, de escrever, de artes como um todo. Mas também era boa em biologia, química, física. Chegou um tempo em que até pensei que pudesse fazer medicina. Talvez quisesse resolver meu próprio problema. Sabe Luís, meu primeiro nome não foi Sofia, meu primeiro nome foi Ulisses.

O rapaz não pode conter a surpresa, o sangue fugiu-lhe da face. Como bom egoísta que era, nem levou em conta aquilo que estava sendo dito, nem o que significava para a moça dizer aquela história tão íntima. Em sua cabeça só ecoava:

- Ia pegar um traveco... ia pegar um traveco...puta que pariu!

Ele ainda tentou gaguejar qualquer coisa, mas Sofia continuou:

- Precisa falar nada não. Acho que você já deve saber pelo que passei em casa: ameaças, tortura psicológica, rejeição, agressões físicas. Mas ele nunca conseguiu me expulsar de casa. Primeiro porque minha mãe se impôs, talvez o único ato de coragem que teve diante dele durante toda a vida. Depois, creio que por ser filha única, ele achava um absurdo perder para o mundo aquilo que ele tinha posto nele. Em sua cabeça, de um jeito ou de outro eu voltaria a ser seu filho. Mesmo depois de já ter feito tratamento hormonal e assumido a identificação de gênero que desejava, ele continuava pensando assim. Acho que por isso eu também me via bipartida, não somente por ainda carregar um pênis e testículos, mas também por me olhar no espelho e ainda ver o pequeno Ulisses. Então meu caro Luís, fui ao Paraguai para fazer a cirurgia de redesignação sexual.

Luís, atônito, começa a escutar a moça com mais atenção, aquilo que ecoava em sua mente acaba por se perder em um eco muito distante. Começou a se envolver pelo drama da moça.

- Encontrei uma clínica clandestina que se prontificava a fazer o procedimento, já que aqui no Brasil a fila é enorme e a burocracia é grande. Precisava de dinheiro para

tudo. Então recorri a um “empréstimo não autorizado do meu pai”. Peguei o dinheiro, fiz a mala, passei um mês de cão no Paraguai e agora estou voltando para casa.

- Que história So..Sofia.

- Quando cheguei à clínica indaguei se a cirurgia poderia ser reversível, tinha e tenho medo do que meu pai possa fazer comigo ao retornar. O médico afirmou que não. Todavia, aquele sentimento me corroía... Então fiz o pedido mais estranho que aquele profissional já havia recebido: pedi que me entregasse, após o procedimento, aquilo que era o último resquício de quem eu fui, aquilo que era a prova da minha tragédia, mas, que também fazia parte de quem eu era, de quem eu sou. Pedi ao médico para me entregar os meus testículos.

Sem expressão nenhuma, quase em estado catatônico, Luís apenas escutava.

- Depois de tê-los nas mãos, pensei o que fazer. Ocorreu-me que não durariam muito fora da refrigeração. Então decidi fervê-los em salmoura. E assim o fiz. Comecei a ficar paranoica com isso. Com a reação do meu pai, com tudo que ele podia fazer. Cheguei a pensar, inclusive, que ele poderia reimplantá-los, mesmo depois de fervidos... A essa altura você já deve imaginar o que levo nesse *tupperware*, né?

Seu ouvinte apenas desce os olhos para o pote, depois volta o olhar para Sofia. Não sabia o que dizer, o que fazer. Sua expressão era indescritível, um espanto tímido, daqueles que estão literalmente na cara, mas que se tenta disfarçar. Sofia, no entanto, já estava mais à vontade e confiante em suas palavras, olhava Luís nos olhos, com firmeza.

- Quando vinha no avião, achei que seria poético jogá-los lá de cima. Daí, lembrei que ia matar todo mundo ali se abrisse a porta do avião... Inclusive eu. Pensei em abandoná-lo na rodoviária, mas após alguns passos, um moço muito gentil me fez perceber que havia esquecido algo no assento ao lado. Quando saímos para jantar, quis deixá-los no restaurante, assim que notei as câmeras, desisti. Fui até o banheiro, tirei a tampa e quase os joguei no vaso. Lembrando que eles iriam continuar me seguindo até em casa, dentro do ônibus, desisti. Afinal, e se eu me arrependesse de tê-los jogado ali? Como os recuperaria?

Tudo se encaixava para Luís, o seu jeito de andar, as ida e vindas do pote com a moça. Isso mesmo, do pote com a moça, pois em tudo o pote comandava... maldito pote! Pensou ele.

- Mas o ponto de ebulição, Luís, foi perceber que eu não posso ser dois, mas também não posso ser quem eu quero ser, sem aquele que já fui, eles têm que voltar para mim, têm que ser meus de novo!

Em um ato firme e ligeiro, a moça tira a tampa do *tupperware*, pega aqueles dois pedaços ovalados e ressecados e, de uma só vez, os coloca na boca mastigando. Deu um pouco de trabalho para que conseguisse engolir tudo, mas conseguiu. Neste momento, Luís só colocou as mãos na cabeça e disse um comedido: meu Deus!

Ela pega uma garrafa d'água que havia comprado no jantar e bebe alguns goles.

- Pronto, agora sou completa de novo, aquela que estava dentro agora está fora e aquele que estava fora, agora está dentro. Tudo está no seu lugar. Nada mais importa, ninguém vai poder fazer nada, nem meu pai, nem ninguém, estou como antes, só que em outra ordem. A minha ordem.

Ela calou-se e voltou-se para a janela. Agora dando para perceber no reflexo do vidro uma expressão de alívio e um esboço de sorriso. Luís, entretanto, como um robô moveu seu tórax voltando-se para a posição mais robótica e ereta que se pode ter em uma poltrona de ônibus. Pensou em sair dali, teve nojo, pena, repulsa, tudo que uma pessoa que presenciasse uma cena daquelas teria. Mas calado, resolveu ficar no seu lugar.

O motorista anuncia a chegada à Souza, a moça pede licença. Seu colega de viagem levanta, retira sua bagagem, se oferece para levar até a porta do ônibus. Ela aceita, num tom sério e firme. Quando chegaram à saída, pensaram em não se despedir, ao que Luís, com a voz um pouco embargada exclama:

- Sofia, pega!

E entrega-lhe um pedaço de papel.

- O que é isso?

-Meu *Whatsapp*... Me adiciona!

Data de recebimento: 20/03/2018

Data de aceite: 15/04/2018